

NA CONTEMPORANEIDADE, NOSSA MISSÃO É FAZER VERÃO

Entrevista com Eufrásio Prates

Carolina Moura Klautau¹
Ana Luiza Coiro-Moraes²

Num encontro em São Paulo, convidado para uma aula-performance no Mestrado da Faculdade Cásper Líbero em maio de 2017, Eufrásio Prates apresentou seu trabalho como músico e falou a respeito de suas pesquisas sobre a estética holofractal³. Na entrevista que nos concedeu, a conversa extrapolou a pauta inicial e fomos parar em um universo de música como comunicação (ou incomunicação), em como a estética absorve os novos paradigmas propostos pela física moderna e na crise dos modelos explicativos para entendermos ciência, natureza, artes e a sociedade, quando Prates apontou a semiótica como uma das chaves para interpretar o mundo que nos cerca.

Prates é graduado em Música pela Faculdade de Artes Alcântara Machado (FAAM), de São Paulo, especialista em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília (UCB), mestre em Comunicação e doutor em Arte Contemporânea pela Universidade de Brasília (UnB). É pesquisador no Laboratório de Dramaturgia e Imaginação Dramática e no Laboratório de Pesquisa em Arte e Tecnociência, ambos da UnB, e professor de Música, Dança e Novas Tecnologias no Instituto Federal de Brasília (IFB). Ao longo de sua carreira, publicou dois livros: *Passeio relâmpago pelas ideias estéticas ocidentais* (1999) e *Música quântica: conexões semióticas entre a música e a física contemporâneas* (2003).

Nascido no sertão da Bahia, foi criado em São Paulo e desembarcou (para ficar) em Brasília em 1994, onde atua como músico, DJ, inventor de instrumentos musicais e da única orquestra de laptops no mundo a usar o holofractal⁴ na produção de sons, a BSBLOrk.

¹Mestranda em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. Especialista em Comunicação Organizacional e Relações Públicas pela mesma instituição. Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

²Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero (FCL). Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

³Em “Passeio-relâmpago pelas ideias estéticas do Ocidente” (2005) Prates apresenta um modelo estético que integre métodos e técnicas que dialoguem com uma visão de mundo mais integradora, mais holonômica. A *Estética Holofractal* seria *um* e não *o* caminho para a arte contemporânea, configurando-se como uma percepção de maior auto-consciência. Disponível em: < http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Prates-Passeio_pelas_Ideias_Esteticas_Ocidente.pdf >. Disponível em: 12 jun. 2017.

⁴Holofractal é um software de música, criado por Prates, em que se toca com as mãos, mas sem colocar os dedos sobre o teclado do notebook. O movimento feito no ar é lido por uma webcam, que transforma os movimentos

Poderíamos também dizer regente da orquestra, mas nela todos os músicos ocupam essa função. Eles já levaram suas performances para mais de 20 países, em quatro continentes.

Vamos começar com uma questão bem contemporânea: a quantidade de informação em circulação. O dicionário Oxford elegeu “pós-verdade”⁵ como palavra do ano de 2016. Não é paradoxal a ideia de que com tanta informação, também temos tanta informação falsa?

E.P.: É a primeira vez que escuto essa palavra. Mas traçando um paralelo com o que a gente lê sobre “pós-modernidade” e, de 1999 até hoje, com o que alguns teóricos também chamam de “pós-pós-modernidade”⁶ e, pressupondo que esse “pós” indica um estado de transcendência, de ir além, eu acho que tem tudo a ver. Conversa com todas as transformações que a gente vê ao longo do século XX, depois da física moderna, com a superação do caráter absoluto dos conceitos. Acho que podemos entender “pós-verdade” como algo que relativiza o conceito de verdade, porque uma verdade é algo localizado no tempo e no espaço. Não apenas no sentido físico e material, mas também no sentido cultural, ideológico, interpretativo, semiótico... É uma verdade localizada e tem a ver, inclusive, com informação. Os teóricos de ponta dizem que a melhor forma que os físicos têm encontrado, depois da virada do milênio, de entender as novas teorias da sua área é a partir da informação. E essa relação me parece muito próxima da “pós-verdade” porque não é que uma mesa, por exemplo, não seja de mármore, tenha massa, resistência... Mas é que essas são verdades numa determinada perspectiva de interpretação. Se o dicionário Oxford elegeu essa palavra em 2016, talvez seja um bom sinal de que estamos no momento em que, finalmente, o século XX vai começar a acontecer para nós, viventes do século XXI. A reconhecer que temos, ao invés de verdade relativas, verdades dinâmicas, que aceitam a mudança no tempo e no espaço.

em som, em tempo real. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/eufrasio-prates-musico-dj-regente-inventor-bom-ter-caos-mas-nao-qualquer-caos-16268997>>. Acesso em: 12 jun.2017.

⁵Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

⁶Tom Turner, Mikhail Epstein, Eric Gans, Alan Kirby, Timotheus Vermeulen e Robin van den Akker são alguns dos pesquisadores que falam sobre a “pós-pós-modernidade”, que seria o período após a década de 1990, quando a pós-modernidade já estaria superada. Uma “compilação” desses nomes, indicada pelo entrevistado, está disponível em: <<https://en.m.wikipedia.org/wiki/Post-postmodernism>>. Acesso: 2 jul.2017.

A ideia de “verdades relativas” dialoga muito com a perspectiva que a semiótica – um dos pilares de suas pesquisas - tem sobre a realidade. A semiótica seria um tipo de chave para olhar o novo paradigma estético⁷ que você propõe?

E.P.: Eu comecei a lidar com semiótica pierciana nos anos 1990, que tem uma peculiaridade única e que é fundamental para o entendimento do mundo em que a gente vive: você não aborda apenas a língua e a fala, mas o mundo extra-humano ou trans-humano. Quando falamos de sustentabilidade parece que, finalmente, estamos nos preocupando com nossa casa, o planeta. Temos uma visão ecosófica⁸, que entende o amor sobre a casa e o ambiente e que vem ganhando relevância justamente porque a gente caminha para um limite em que estamos colocando a própria vida em risco. Então eu acho que a semiótica de Pierce permite você entender o que alguns autores chamam de processos proto-semióticos: processos de significação que acontecem na natureza, independente da interpretação do ser humano. O que Pierce faz é dar um tipo de metodologia aplicável a qualquer âmbito, onde haja uma transferência de informação de um ser ou elemento para outro. A tendência de todo signo é crescer e proliferar até o ponto em que se torna um hábito. O caminho para a morte é o caminho do hábito: uma coisa vai se repetindo tanto, que ela acaba ficando mais redundante e menos informativa. A semiótica atua num nível psicológico porque quando você entende que é parte de um processo maior e que tem limites de operação, dá um certo alívio às pressões naturais da vida. Eu, por exemplo, comecei a trabalhar num âmbito em que me sentia mais potente, que era a música e que tem um poder de penetração gigantesco. Quando você se aproxima da semiótica, já olha diferente para o que está ao seu redor. E aí vem Nietzsche⁹ que diz que não existem fatos, apenas interpretações – e mesmo isso é uma interpretação.

E como essas possibilidades de interpretação aparecem em suas composições?

E.P.: A semiótica é uma lente – e toda lente pode falsear algo. Na música, eu uso a semiótica de forma intuitiva. Estou compondo e tenho que tomar decisões. A escolha depende da

⁷As características do novo paradigma estético proposto por Prates em “Passeio-relâmpago pelas ideias estéticas do ocidente” (2005) são: atemporalidade (quebra quadridimensional com o tempo linear), abertura da obra de arte (co-autoria do fruidor), acausalidade (atemporalidade), fractalidade (relação entre parte e todo), holonomia (auto-consistência, nova linguagem/sintaxe), relativismo (Gestaltismo no tratamento da forma) e arracionalismo.

⁸Ecosofia é a junção dos três registros ecológicos propostos por Félix Guatarri em *As três ecologias* (2001): meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana.

⁹Friedrich Nietzsche (1844-1900), prussiano, filósofo.

sensação que eu quero provocar nas pessoas: tudo depende da intenção da provocação. Às vezes eu não tenho uma intenção comunicativa, às vezes eu faço de forma totalmente livre e é, justamente, quando eu acho que acerto... E quando quero obter determinado resultado, aí a semiótica é extremamente útil e poderosa, mas aumenta o meu risco de não produzir um objeto estético interessante. Ele acaba ficando mais discursivo, tem um objetivo. E a ilusão de objetividade, de controle, é uma das coisas que destrói o ser humano e o planeta.

Você traz para a arte, e para suas pesquisas, a visão de mundo da física moderna¹⁰, do início do século XX, que incorpora à ciência a incerteza, paradoxos, indeterminismo e contradições. É uma perspectiva mais sincera do nosso mundo?

E.P.: E mais humilde! A gente tem que entender que ciência é conhecimento. E o surgimento da ciência como a gente a conhece hoje, com Bacon e os empiristas ingleses, é muito recente. Vamos dizer que os gregos e os árabes não tinham ciência? Os árabes inventaram o número zero, sem eles não teríamos nem computador. Com o processo de criação da ciência moderna, desenvolvemos a crença de que nós éramos muito mais importantes e valiosos para o mundo do que qualquer outra espécie – humana, mineral ou animal. Há o pensamento de que foi o homem branco, europeu e ocidental, que inventou a ciência. Essa empáfia que está destruindo o planeta. A nova visão de mundo dá o famoso passo atrás e refletimos que o ser humano não é mais importante do que os outros animais e vegetais. Essa é uma visão sistêmica e que aceita contradições. O novo paradigma opera na lógica do que a gente chama de lógica pós-dialética, em que você não exclui o terceiro: pode ser A, pode ser B, mas pode ser A e B, nem A nem B. A lógica aristotélica se esgota no final do século XIX, embora muita gente ainda aprenda, viva, nasça com ela e não aceitem que coisas não se reduzem a um dualismo. Quando a gente fala do dualismo cartesiano, falamos do que foi interpretado pelos filósofos pós-cartesianos, que leram sua obra. Descartes tinha uma visão mecanicista do mundo, mas isso não quer dizer que ele reduzia tudo ao mecanicismo.

¹⁰Algumas características da visão de mundo da física moderna: tempo relativo ao observador, existência do objeto apenas em relação ao observador, relativismo, probabilidade, incerteza, indeterminismo, paradoxo, entre outros (PRATES, 2005).

Você acha que a estética com a qual você trabalha, que incorpora elementos da física moderna, pode melhorar a vida das pessoas?

E.P.: O Koellreutter¹¹ dizia, com muita frequência, que a função do artista na contemporaneidade é levar as novas ideias do seu tempo para as pessoas. A minha interpretação inicial disso é que o meu papel era fazer alguma coisa que fosse inovadora. Tenho percebido que como tudo que se movimenta, cresce e se desenvolve o faz em cima de conflitos, eu acho que o ser humano tem como traço distintivo essa possibilidade de gravitar entre estados de infelicidade em direção a estados de felicidade e vice-versa, como ondas e ciclos. Eu sinto que a nossa maior contribuição como seres humanos é fazer com que as pessoas se aceitem, com suas felicidades e infelicidades, potencialidades e limitações, peculiaridades e contradições. Essa nova visão do paradigma é muito útil para fazer as pessoas se aceitarem mais, que elas vivam melhor umas com as outras. Tenho uma hipótese de que quando a pessoa chega nesse patamar de consciência, de autoconsciência, ela começa a aceitar melhor o outro. Que seja essa a saída para a espécie humana, de alguma forma, prolongar um pouco mais a sua vida no planeta. A gente sabe que uma andorinha só não faz verão, mas ela convida outras a fazerem. Talvez a missão mais importante do artista, e não só dele, mas de qualquer ser humano, é fazer verão.

¹¹Hans-Joachim Koellreuter (1915-2005), compositor brasileiro, foi professor de composição e estética musical de Prates entre os anos de 1989 e 1992 e uma de suas grandes influências.